

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“É preciso que a mídia pare de noticiar o negro como aquele que nasce fazendo o errado, negros não têm cara de doutor, porque no jornal, bandido tem cara de preto”

MÔNICA CUNHA

Não se pode matar nossos filhos e nos manter caladas

Bárbara Gonçalves das Virgens¹

As infrações cometidas por adolescentes e a crescente repressão policial a estes atos são frequentemente noticiadas sem, no entanto, elucidarem o impacto desta violência e a luta daqueles que defendem os direitos destes menores. A presente entrevista visa ilustrar em que medida a lógica punitiva, presente no discurso midiático, banaliza as relações de violência, criminaliza os defensores de direitos humanos, e alimenta as discussões sobre a redução da maioria penal. Mônica Cunha atua em defesa dos direitos dos adolescentes em conflito com a lei e de suas famílias. Fundadora do Movimento Moleque e membro da Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência, constituída por mães e familiares que tiveram seus entes mortos pelo Estado, seu trabalho tem por objetivo garantir a efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

¹ Graduada em História pela UnB, mestre em Ciência Política pela Sorbonne Nouvelle, atuou pela Cruz Vermelha em projetos de mitigação dos efeitos da violência urbana no Rio de Janeiro; além de assessorar projetos do Centro de Memória, Paz e Reconciliação de Bogotá e da Christian Aid em apoio às famílias afetadas pelo conflito colombiano. Atualmente realiza pela PUC-Rio uma pesquisa sobre as representações da minoridade na imprensa carioca. E-mail: barbaragv01@gmail.com

A criação do Movimento Moleque está diretamente vinculada à sua história de mãe e mulher negra. Nesse sentido, quem é a Mônica Cunha e como o Movimento Moleque surge em sua trajetória?

Hoje eu me defino como militante, defensora de direitos humanos. Mas eu nasci Mônica Suzana Barbosa da Silva. Eu me tornei Mônica Cunha nos anos 1980 quando me casei. Tive dois filhos do meu primeiro casamento: Marco Vinicius; Rafael da Silva Cunha que completaria 31 anos; e o meu caçula, do segundo casamento, Wilbert Luiz. Nesta época, eu achava que estava fazendo tudo certo, trabalhava, era uma boa esposa, uma boa mãe. Até novembro de 2002, quando, por volta do meio dia, o telefone tocou. A pessoa se identificou como detetive e informou que meu filho havia sido detido. Eu desliguei o telefone, pois aquilo não podia ser verdade, naquele horário meu filho estava saindo da escola. O telefone tocou de novo e o policial falou meu nome completo e o do Rafael, aí eu percebi que não podia ser trote. Chegando à delegacia, vi a primeira imagem do meu filho que eu nunca vou esquecer: ele estava algemado, era sarará como o pai e estava todo machucado, com o rosto inchado das pancadas que tinha levado. Ninguém nunca tinha ousado bater num filho meu. Fui falar com o delegado, saber por que o Rafael estava daquele jeito, ele me respondeu: ‘vocês quando parem bandido, não tomam providência, mas quando a gente vem e tira eles da rua, aí aparecem as mamãezinhas, porque bandido tem mamãezinha’. Eu respondi, xinguei, o delegado só não me deu voz de prisão, porque percebeu minha ingenuidade. Isso, para mim, foi um choque, porque eu me dei conta de que não estava fazendo tudo certo.

Foi só na terceira entrada no DEGASE², quando o Rafael foi mandado para a pior unidade, o Educandário Santo Expedito, que eu comecei a entender que precisava de uma explicação para aquilo tudo. Foi quando um agente da Unidade me deu o ECA e mostrou o artigo sobre medidas socioeducativas. Nisso, eu comecei a perceber que aquele menino tinha direitos e eu também, que tanto ele quanto a família estavam cumprindo a medida, e isso tudo porque não percebemos em que momento o laço de família tinha sido rompido. Eu comecei a ler o Estatuto para as mães na porta da unidade, explicava para elas o que estava acontecendo e nós reivindicávamos que as medidas previstas fossem cumpridas. Ainda que eu não tivesse esse objetivo, foi nessas rodas de conversa que o Movimento Moleque nasceu. Nós, familiares, maioria mulheres, nos unimos e as organizações que tinham financiamento se aproximaram para trabalharmos apoiando esses jovens em projetos sociais. Assim, fomos estruturando o Movimento Moleque.

Uma vez estruturado, qual é a missão atual do Movimento Moleque?

Nesse processo de entendimento, nós nos deparamos com outras questões. Vimos que o problema não era apenas o menino cometer um ato infracional, roubar um celular. Aquilo era

² Departamento Geral de Ações Socioeducativas.

uma questão de desigualdade e do racismo, que está no centro de tudo. Quem cumpre pena, medida socioeducativa e lota os cemitérios é o povo negro. Você se depara com essas coisas e isso te causa revolta, um problema que eu acreditava poder solucionar sozinha e que, na verdade, era muito maior. Por isso, nós nos unimos para ter voz dentro das unidades e trabalhamos, hoje, para irmos muito além. Participamos das articulações políticas reivindicando o cumprimento do ECA diretamente no Ministério Público, na Defensoria Pública, na Vara da Infância, na Secretaria de Educação, onde hoje está instalado o DEGASE. Falamos com a imprensa, porque hoje existem essas mídias alternativas que nos dão voz e escutam a gente. O que o Movimento Moleque quer mostrar é que esses meninos e suas famílias têm direitos e isso deve ser aplicado. Temos, em média, 50 inscritos, mas nosso alcance é muito maior, pois tentamos apoiar todos aqueles que precisam.

Como seu trabalho na Comissão de Direitos Humanos da ALERJ³ se relaciona com a sua militância?

Eu trabalho na Comissão, justamente porque faço parte do Movimento. Além de trabalhar em defesa dos direitos dos adolescentes autores de ato infracional, eu acompanho as famílias vítimas da violência de Estado, inclusive famílias de policiais. Durante a evolução do Movimento, acompanhando os meninos e seus familiares, percebemos que, quando as medidas são aplicadas, esse menino se recupera. A medida tem que ter por objetivo restabelecer os laços familiares e sociais desse menino, entendendo o que ele gostaria de fazer e tentar dar condições para que ele realize isso. Temos que ouvir as mães e mostrar que elas não têm culpa de aquilo estar acontecendo, tentar reestruturar uma família que, sem percebermos, se desintegrou. O problema é que o Estado não entra para restituir, ressocializar. Ele desestrutura, ele destrói; o menino vai cumprir uma medida, que não tem nada de socioeducativa, e ele volta diferente.

Nesse ponto, vem à minha mente a segunda imagem do meu filho que eu nunca esqueci. Fui visitá-lo no Santo Expedito e me deparei com um homem forte, careca. Naquela época, colocavam fermento na comida da unidade. Hoje não fazem mais isso, ele estava inchado. Quando pegam o seu filho, eles te fazem acreditar que você não presta. Dizem que o Estado vai tutelar, mas quando eles devolvem, volta outra pessoa que não é o seu filho. Esses meninos saem e até cometem os mesmos atos, mas com outro sentimento. Dizem que os meninos são perversos, mas é o Estado que os faz assim, porque quando ele está dentro da unidade, ele é esculachado, maltratado. Como um ser humano em fase de aprendizado poderia sair melhor de uma situação assim? Se não sabíamos lidar com o filho que a gente pariu, imagina com esse. Por este ser um problema de Estado é que atuamos nas articulações políticas. Foi junto à Comissão, com o apoio do Marcelo Freixo, que conseguimos, por exemplo, tornar lei o fim da revista vexatória no Rio. Isso é uma ação fundamental para tentar manter os laços com a família. Como

³ Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

os pais, os avós poderiam pensar em visitar os meninos passando por essa humilhação? A imprensa sempre levanta a discussão da redução da maioridade penal. O Movimento é contra. Como podem acusar o ECA de não funcionar se ele nunca foi aplicado de fato?

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais se diversificaram e se inseriram em mais espaços, nesse processo, mais pessoas tomaram consciência dos seus direitos. Por isso, no Movimento Moleque, nós apoiamos as famílias, para que elas conheçam seus direitos e saiam da vergonha e do silêncio imposto pela sociedade. É graças aos movimentos sociais que, hoje, quando matam o filho de uma mulher na favela, a primeira coisa que ela faz é gritar por justiça. Isso é assim, porque essa mulher pobre, negra e da favela já viu as Mães de Acari gritarem por seus filhos. Mesmo não tendo descoberto o que de fato aconteceu com eles, essas mulheres deixaram um legado. Elas mostraram que no Brasil não existe pena de morte e, por isso, não se pode matar nossos filhos e nos manter caladas. Somos seres humanos e nossos filhos também.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Aqui no Rio, quando o movimento é organizado na zona sul, ou pela igreja, ele é apresentado como um grupo de pessoas bondosas, lutando pelo futuro do país ou fazendo um belo trabalho social. Quando é o povo preto da favela reivindicando seus direitos, nós somos bandidos, ou defendemos bandido. Mídias como Globo e Record induzem a sociedade, alimentando o discurso da repressão. Isso dá coragem aqueles que defendem que estes meninos merecem morrer, além de impor a vergonha às famílias, afinal, foi a mãe que criou o bandido. Veja esta manifestação lá fora, ninguém vai falar disso na Globo e, se falar, será para chamar todo mundo de vândalo. E veja que esse pessoal nem é da favela. (a entrevista aconteceu próximo à Candelária, durante a manifestação que sucedeu a delação da JBS envolvendo o então presidente, Michel Temer). No entanto, acredito que mesmo estas emissoras estão sendo pressionadas a mudar.

Com o surgimento das mídias alternativas e a expansão das redes sociais, temos conquistado mais espaço. Para nós, familiares de adolescentes atores de ato infracional, vítimas da violência de Estado, esta mídia, nós respeitamos. Estes jornalistas nos escutam, consideram nossos sentimentos e narram exatamente o que dizemos. Eles nos dão visibilidade e, com isso, a mídia tradicional se aproxima dos movimentos com alguma sensibilidade. O problema é que a mídia tradicional só quer ouvir o morador da favela se o jovem assassinado não estiver envolvido com o crime. Porque eles precisam provar que a bala era perdida, eles não querem acreditar que a polícia entra na favela atirando. Hoje, a grande mídia me procura devido ao tempo que tenho de

militância. Pois aprendi na terapia a falar do meu filho e não generalizar, fazendo isso, eu tenho justiça e luto para que outras famílias também tenham.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Totalmente. Da mesma forma que ela cria o estereótipo de bandido negro, ela cria o estereótipo daquele que ela diz estar defendendo bandido. A gente vê no jornal, nas revistas, que o menino bom, a pessoa de bem, é aquela que mora num apartamento legal, tem carrão, celular. O mal é retratado como aquele que não pode comprar tudo isso. E se é isso que te valoriza, por que o menino negro da favela, que não pode comprar tudo isso, não vai querer ter também? Quando noticiaram que um menino matou um médico de bicicleta na Lagoa, o que identificaram foi o mal atacando o bem, ninguém se questionou sobre a realidade de vida daquele menino, da desigualdade, da falta de escola ou das péssimas condições de vida. Falar do problema social não vende jornal, mas o sensacionalismo vende.

Não é para justificar a violência, mas é preciso que a mídia pare de noticiar o negro como aquele que nasce fazendo o errado, negros não tem cara de doutor, porque no jornal, bandido tem cara de preto. Nisso as pessoas começam a falar em pena de morte, prisão perpétua, em prender o menino com 16 anos. A mídia não informa sobre as reivindicações dos movimentos sociais, nem a situação desses meninos. Não sabem o que é uma medida socioeducativa e nem como elas são cumpridas. A verdade é que o tempo da senzala não acabou e a omissão da mídia legitima isso.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Quando a Globo, o SBT e a Record chamam de vândalos os manifestantes que reivindicam seus direitos e relativizam a desonestidade de políticos como Sérgio Cabral e Pezão, ela se posiciona exaltando todo um sistema corrompido. Quando ela diz que o traficante é o varejista da favela que mal conhece os arredores da comunidade, e não o senador que tem seu helicóptero apreendido com 500 kg de cocaína, essas emissoras deixam claro seu posicionamento a favor do grupo que tem alguma coisa a oferecer. O pobre da favela não traz benefício direto para esses veículos, os movimentos sociais também não, então eles não têm porque os defender.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Quando começamos a conhecer nossos direitos a gente passa a entender melhor a mídia. Já falei do respeito que tenho pela mídia alternativa, tenho muitos elogios pela visibilidade que ela traz para os movimentos sociais. A mídia tradicional também tem demonstrado interesse pelo nosso trabalho, são esses os veículos com poder de circulação enorme, por isso, sempre que temos espaço temos que ocupá-lo. A mídia pode até ser racista, elitista, mas temos que estar presentes e mostrar a realidade que denunciamos. Fui convidada para participar do programa da Fátima Bernardes, não pude ir. O Movimento foi representado por outra mãe, todas concordaram que esta mãe deveria contar sua história em detalhes, o programa era ao vivo, ninguém poderia cortar. Essa narrativa representaria todas as famílias que vivem a mesma coisa. Mesmo que seja por um minuto, temos que estar presentes e dar visibilidade a esta realidade silenciada.

Diante de tanta dificuldade, o que te faz seguir lutando?

Meu filho tinha o apelido de Zé Carioca, por ter a dicção difícil. Quando o Estado me devolveu, ele era o Zé do Rádio. Eu não gostava do apelido, porque não reconhecia meu filho ali. O Estado cria isso e ele mesmo trata de eliminar. Daí vem a última imagem que tenho dele. Aquele menino sarará deitado com os olhos arregalados. Ali eu vi que não tinha mais jeito, o Estado tinha matado o Rafael e o Zé. Meu filho foi morto pela polícia numa avenida do Rio de Janeiro, ajoelhado, com um tiro na barriga. Eles não conseguiram me matar, e se eu morrer, não vai ser de joelhos, vai ser lutando, mostrando que o meu filho, Rafael da Silva Cunha, existiu, que ele era um ser humano e tinha direitos.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

